

# APRESENTAÇÃO

Será que a noção de sustentabilidade tem algum sentido quando aplicada isoladamente a um "setor" como a agricultura?

Esta pergunta é fundamental, pois a durabilidade das civilizações parece ter dependido muito mais do funcionamento coordenado de seus respectivos sistemas sócio-econômicos, do que da fragilidade relativa de algum dos componentes desses sistemas. Ou seja, pode existir sustentabilidade sistêmica sem que o mesmo ocorra necessariamente com cada uma de suas partes se consideradas de forma isolada. Mais do que isso, a própria sustentabilidade de um componente pode justamente depender de suas interações com outros elementos do sistema do qual faz parte. No limite, pode-se até pensar na sustentabilidade como um bom manejo de um ciclo de insustentabilidades concatenadas, como lembra o Grupo Interamericano de Desenvolvimento Sustentável da Agricultura e dos Recursos Naturais.<sup>(1)</sup>

No caso da agricultura contemporânea, a pergunta torna-se tanto mais crucial quanto mais cresce sua integração com a indústria e os serviços. Pareceria muito mais apropriado discutir a sustentabilidade do sistema agroalimentar-energético, incluindo as dinâmicas de consumo, distribuição e transformação das matérias-primas oriundas do setor agropecuário. Em outras palavras, o mais adequado poderia ser discutir, pelo menos, a sustentabilidade do *agribusiness*, em vez de reduzi-la exclusivamente a seu segmento primário.

No entanto, na agenda do debate público internacional, a noção de agricultura sustentável tem uma presença muito mais importante do que qualquer outra que lhe seja equivalente, ou que a ela possa ser comparada. Por exemplo, não há discussão sobre o que poderia vir a ser uma "indústria

---

(1) Cf. "*Semillas para el futuro: agricultura sostenible y recursos naturales en las Americas*", documento-base do GDSARN.

sustentável" No máximo pode-se perceber a emergência de um debate sobre a sustentabilidade do consumo, ainda restrito a pequenos círculos profissionais.

Qual seria, então, a razão desse destaque que a agricultura sustentável mereceu na agenda das organizações internacionais, mesmo constituindo uma atividade tanto mais residual quanto maior for o desenvolvimento sócio-econômico?

Provavelmente porque, ao findar o século XX, a agricultura permanece sendo a atividade humana que mais intimamente conecta a sociedade com a natureza. Mesmo que estejamos vivendo na "aurora de uma nova era" - uma era que vem sendo rotulada de *pós-industrial, pós-moderna, pós-escassez, pós-econômica, pós-civilizada, de conhecimento, de serviço pessoal, tecnocrônica* etc. - a verdade é que a humanidade continua muito longe de encontrar uma fonte da energia necessária à vida que dispense o consumo das plantas e dos animais. Por mais que seja revolucionada a esfera da produção alimentar, será mantida a importância singular da agricultura até que surja uma alternativa à transformação biológica de energia solar em alimento.

Em contraste com o que ocorre em outros processos produtivos, na agricultura a intervenção humana não é desenvolvida com o propósito de transformar matéria-prima. Nela, o trabalho humano procura sustentar ou regular as condições ambientais sob as quais as plantas e os animais crescem e se reproduzem. Há um momento transformativo nesse processo de trabalho, mas essa transformação é realizada por mecanismos orgânico-naturais, e não pela aplicação do trabalho humano.

Durante os últimos duzentos anos o pensamento científico tendeu a considerar que o industrialismo realizaria a missão histórica de transcender o caráter limitado e condicionado das formas anteriores de interação da sociedade com a natureza. Quase todos os grandes pensadores sociais - a começar pelos economistas - avaliaram com excessivo otimismo a capacidade do capitalismo superar os chamados "limites naturais". Pois são justamente esses limites naturais que, após dois séculos de crescimento urbano-industrial, exigem a superação de um modelo agrícola que a sociedade tende a considerar demasiadamente vulnerável.

É evidente que a discussão atual sobre a sustentabilidade da agricultura indica o desejo social de um novo padrão produtivo que não agrida o meio ambiente. Em última instância, ela denota uma ampla insatisfação com o *statu quo* da agricultura moderna. Só que basta começar a procurar as características básicas desse novo padrão para se perceber que a noção de agricultura sustentável envolve diversos dilemas teóricos e práticos.

Como é normal em tais circunstâncias, proliferam as tentativas de conceituar a agricultura sustentável. Estão disponíveis cerca de duas dezenas de definições que se diferenciam mais pela ênfase em determinado aspecto do que pela exclusão de algum atributo da durabilidade dos agroecossistemas. Deixando de lado as nuances, pode-se dizer que todas transmitem a visão de um sistema produtivo de alimentos e fibras que garanta:

- (a) a manutenção a longo prazo dos recursos naturais e da produtividade agrícola;
- (b) o mínimo de impactos adversos ao ambiente;
- (c) retornos adequados aos produtores;
- (d) otimização da produção com um mínimo de insumos externos;
- (e) satisfação das necessidades humanas de alimentos e renda;
- (f) atendimento das necessidades sociais das famílias e das comunidades rurais.

No fundo, essa visão resulta de crescentes pressões sociais por uma agricultura mais "limpa", isto é, que simultaneamente conserve os recursos naturais e forneça produtos mais saudáveis, sem comprometer os níveis já alcançados de segurança alimentar.

Em muitos países do Norte, onde essas pressões já estão conquistando significativas alterações nas políticas governamentais que regulam o *agribusiness*, o debate público sobre o novo paradigma agrícola tem avançado bastante. No Sul, o processo tende a ser mais lento, devido, principalmente, ao atrito imposto pela insegurança alimentar. Mas ganhou forte impulso, com a realização da "Rio-92", a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Foi com a intenção de aproximar essas duas dinâmicas que se concebeu este número especial de *Estudos Econômicos*. Os artigos selecionados trazem ricas indicações sobre as características específicas que esse debate vem adquirindo nos Estados Unidos, Europa e América Latina, além de uma interessante reconstituição histórica da chamada "agricultura alternativa".

José Eli da Veiga